

Índice

INTRODUÇÃO	viii
LIVRO I	1
LIVRO II	43
LIVRO III	69
LIVRO IV	95
LIVRO V	125
LIVRO VI	161
LIVRO VII	187
LIVRO VIII	219

INTRODUÇÃO

Xenofonte nasceu em Atenas por volta de 430 a.C. Proveniente de uma família rica e bem relacionada, terá sido um dos discípulos de Sócrates, sobre quem deixará considerável literatura.

Em 401 a.C. junta-se ao príncipe persa Ciro, o jovem, quando este prepara uma expedição ao interior da Ásia para tomar o trono ao seu irmão Artaxerxes. Essa acidentada expedição fracassa no campo de batalha de Cunaxa, onde Ciro é morto. A marcha para o interior e a acidentada retirada do exército de mercenários grego, do qual Xenofonte se torna um dos principais comandantes, é por ele narrada brilhantemente na sua *Anábase*.

Impedido de regressar a Atenas após o regresso do exército à Grécia, dada a sua participação nessa expedição, Xenofonte e os seus companheiros entram ao serviço de Esparta até à Paz do Rei, em 386 a.C.

Durante esse serviço, Xenofonte torna-se íntimo de Agesilau, um dos reis de Esparta, e acaba por receber uma propriedade em Cilonte, perto de Olímpia, por serviços prestados.

É aí que leva uma vida de proprietário rural e começa a sua carreira de escritor. Em 371 a.C., após a derrota de Esparta na batalha de Leuctras, aquela perde o controlo da zona de Cilonte e Xenofonte é forçado a mudar-se para Corinto, onde continua a escrever. Sabe-se que ainda deveria estar vivo em 355 a.C., e a sua morte deve situar-se pouco depois dessa data.

Existem duas teorias relativamente ao período em que Xenofonte terá escrito a *Ciropedia*. Alguns autores são da opinião que a *Ciropedia*, assim como os seus escritos socráticos, pertencem ao período da sua estadia em Cilonte, e que Xenofonte terá acrescentado o capítulo 8 do Livro 8 no final da década de 360¹.

¹ Esta é, por exemplo, a opinião de Cawkwell. Vide George Cawkwell, When, How and Why did Xenophon write the *Anabasis*?. In: Lane Fox, R. (Ed.), *The Long March: Xenophon and the Ten Thousand*, pp. 47-67, Newhaven, 2004.

Outros autores são da opinião que a Ciropedia terá sido escrita apenas de uma vez, e como tal pertencerá inteiramente ao final da década de 360 a.C.²

Xenofonte escreveu a Ciropedia, como ele próprio nos diz no seu capítulo I, em busca do líder ideal. A “Educação de Ciro” é portanto uma obra em que se pode ler não só como Ciro aprende a ser líder, mas também como ele ensina os outros a o serem.

Tendo escolhido uma pessoa histórica como seu objecto, não se pode no entanto concluir que a Ciropedia tinha intenção de ser historicamente fiável. É antes uma novelização da vida de Ciro, em parte contendo detalhes reais, na sua maioria contendo elementos inseridos e inventados por Xenofonte para suportar os seus argumentos ou o drama da narrativa. É notória, sobretudo, a presença de elementos da sociedade de Esparta na obra³.

A Ciropedia foi uma obra muito influente na antiguidade, sendo provavelmente até mais conhecida do que a *Anábese*. Era lida e utilizada de modo semelhante àquele que os nossos contemporâneos lêem Maquiavel ou Sun Tzu, para interiorizarem os princípios básicos da liderança - no que certamente mantém relevância ainda hoje - e aprenderem alguns estratégias. Segundo Cícero, Cipião o Africano, o general romano responsável pela derrota do cartaginês Aníbal, nunca se separava de uma cópia do livro. Encontramos provas nas obras de Cícero, César, Frontino, Tácito ou Arriano que estes estavam familiarizados com a obra. Cícero chega mesmo a gabar-se de ter posto em prática os seus ensinamentos durante o período em que foi governador da Cilícia⁴.

Em 8.4.4, Xenofonte faz referência a acontecimentos ocorridos durante a revolta dos sátrapas, em 362 a.C., e portanto este capítulo não pode ser anterior a essa data.

² Vide por exemplo Dakyns, *Cyropaedia: The Education of Cyrus*, Gloucester, 2008. Este autor nota já uma tendência para o desastre da Pérsia em capítulos anteriores ao final e chama também a atenção para a analogia com o relato de Xenofonte da degeneração espartana no capítulo 14 da *Constituição de Esparta*, que lhe é incontestavelmente atribuído.

³ Vide Nadon, *Xenophon's Prince: Republic and Empire in the Cyropaedia*, Berkeley, 2001, pp. 29-42, para uma discussão da extensão em que a Ciropedia se baseia na sociedade de Esparta.

⁴ Cícero, *Ad. Fam.* 9.25.2

Já não é assim hoje em dia, não só porque muitos dos conselhos relativos ao treino e tática militar seriam apenas aplicáveis à sua época, mas também porque a reputação de Xenofonte como pensador de elevada categoria e como historiador fiável se encontra, em parte injustamente, muito abalada.

Xenofonte decidiu usar como base histórica para o seu líder ideal o rei persa Ciro II. Ciro terá nascido cerca do ano 590 a.C., sucedendo a seu pai, Cambises, em 559 a.C., como rei de uma parte da Pérsia.

Inicialmente o seu reino estava sujeito à suserania dos Medos. Ciro conquista sucessivamente a Média (c.553-549 a.C.) com o apoio de parte da nobreza meda; o reino da Lídia e toda a Ásia Menor (c.547-542 a.C.); e a Babilónia (539 a.C.), entrando nesta cidade após as suas tropas desviarem as águas do Eufrates, conforme também é relatado na *Ciropedia*.

Contrariando o relato desta obra, Ciro terá morrido, segundo Heródoto e Ctésias, no decurso de uma campanha na fronteira norte do seu império, em 530 a.C.

Na data da sua morte, o Império Persa é o estado com maior extensão territorial que a história da humanidade até aí presencia. A sua criação e manutenção devem-se não só aos feitos de Ciro no campo de batalha, mas sobretudo às suas qualidades de estadista, que permitiram a criação de grande parte da infra-estrutura política necessária à sobrevivência do Império Persa por mais dois séculos.

João Félix Pereira nasceu em 1822. Formou-se em Medicina e Letras, mas exerceu a profissão de médico durante apenas um ano. Dedicou-se ao ensino e à escrita, tendo obras publicadas nas áreas da medicina, história, filologia, agricultura, economia e ciências naturais. Nas suas traduções do grego, encontram-se também a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero, Píndaro, Hesíodo e Esopo. A sua *Ciropedia ou História de Ciro*, de Xenofonte data de 1854. Faleceu em 1891.

Este texto segue a tradução realizada por João Félix Pereira com algumas alterações. Estas podem ser encontradas sobretudo ao nível da grafia e da substituição de alguns vocábulos utilizados pelo tradutor por outros que sejam mais familiares

para um leitor actual. Foram também inseridas marcas no texto para permitir a localização das citações realizadas recorrendo à organização helenística, o que não existia na edição consultada.

Optou-se por não alterar a tradução do grego feita pelo autor, embora a investigação de mais de cem anos de historiografia o sugerisse nalguns casos. Ainda assim, foram alteradas todas as menções de divindades romanas para o original grego: Vesta para Héstia, Júpiter para Zeus, Hércules para Hércules, etc. As formações militares, que usavam muitas vezes denominações de origem romana, como coorte ou centúria, foram mudadas para formações mais actuais. Foram também acrescentadas as traduções de excertos com carácter sexual ou outros que foram suprimidas na edição original, a saber:

- 1.4.27 e 1.4.28;
- no final de 1.6.34;
- o caso do príncipe Gadatas, o castrado pelo rei da Assíria que surge no livro V, que na tradução realizada padecia de outra injúria;
- 5.4.31;
- 8.2.5-6, onde Xenofonte fala do que hoje a teoria económica denomina por economias de escala;
- 8.2.11-12, o relato da criação do corpo de “olhos e ouvidos do rei”;
- 8.2.20-22;
- 8.2.26-28;
- 8.3.5-8, 8.3.19-23, 8.3.26-32 e 8.3.33-50, que se referem geralmente às actividades de Feraulas;
- 8.4.5-27, o banquete final.

A tradução de todos estes capítulos, assim como as várias notas que acompanham o texto e que pretendem apenas ajudar a uma leitura mais fácil, são da responsabilidade do autor da introdução.

Capítulo III

(1) Até aos doze anos de idade ou pouco mais, Ciro foi educado segundo os costumes da Pérsia, distinguindo-se em relação aos seus contemporâneos, tanto na facilidade com que aprendia, como na esperteza e valentia das suas acções. Depois desta idade, Astíages, atraído pela fama da beleza e das boas qualidades do seu neto, desejou vê-lo e mandou chamar a sua filha, recomendando-lhe que o trouxesse consigo. Mandane executou as ordens do seu pai.

(2) Assim que chegou e soube que Astíages era seu avô, Ciro, como um menino naturalmente amigo dos seus parentes, abraçou-o como se este fosse um antigo companheiro ou outra pessoa com quem há muito tempo tivesse relações de amizade. E vendo que trazia os olhos pintados e uma cabeleira postiça, conforme o costume dos medos (os medos também usavam capas e vestidos de púrpura, colares e pulseiras em ambos os punhos, ao contrário dos persas, que em suas casas ainda hoje usam de extrema simplicidade, tanto no traje, como na comida) vendo-o, digo, assim enfeitado, fitou nele a vista e disse:

— Minha mãe, que bonito me parece o avô!

Ela perguntou-lhe qual lhe parecia mais bonito, se o seu pai ou o seu avô e Ciro respondeu:

— Minha mãe, o meu pai é o mais bonito dos persas e, de todos os medos que vi nas estradas e às portas, o meu avô é, certamente, o mais belo.

(3) Astíages abraçou-o, vestiu-lhe uma capa brilhante, honrou-o e enfeitou-o com colares e braceletes. Quando saía do palácio, levava sempre consigo o seu neto, montado, como ele também costumava, num cavalo com freio de ouro. Ciro, que apesar da sua pouca idade, era amante da elegância e da honra, gostava de vestir aquela capa e a sua alegria era desmedida quando recebia lições de equitação. Na Pérsia é raro ver-se um cavalo, não só por ser difícil criar esta espécie de animais, mas também por se tornar difícil andar a cavalo naquele território montanhoso.

(4) Um dia Astíages, sua filha e Ciro estavam para jantar. Astíages tinha mandado vir para a mesa accepipes, molhos e iguarias de todas as qualidades, para que Ciro, comendo com muito prazer, sentisse menos as saudades da pátria.

— Avô — disse Ciro admirando tanta abundância — tereis que ter muito trabalho, estendendo os braços para todos estes pratos a fim de saborear todas estas iguarias.

— Pois este jantar — disse-lhe Astíages — não te parece melhor que os jantares da Pérsia?

— Não, avô — respondeu Ciro — o caminho pelo qual nós satisfazemos a fome é bem mais simples e recto, sendo suficiente pão e carne. Para alcançar o mesmo fim, vós enchei-vos de fadiga, tirando alimento, ora de um lado, ora de outro, para chegar onde nós há muito chegámos.

(5) — Mas meu filho — tornou Astíages — essa fadiga à qual te referes não nos é desagradável. Prova tu e conhecerás quão saboroso é.

Ciro disse ter notado que até o próprio avô se aborrecia dos manjares. Astíages perguntou-lhe em que baseava ele tal conjectura.

— Tenho visto — respondeu ele — que não limpais a mão quando tocais no pão, mas que a limpais quando tocais em alguma destas iguarias, como se vos aborrecesse tê-la untado com essas mesmas iguarias.

(6) — Meu filho, visto pensares desse modo — replicou Astíages — come somente carnes. Não quero que emagreças até voltares ao teu país.

Ao mesmo tempo, mandou trazer-lhe carnes de caça e de animais domésticos, tudo em grande abundância. Vendo tanta abundância, Ciro exclamou:

— Avô, por acaso dais-me tão grande abundância de carnes para que eu faça delas o que quiser?

— Sim, meu filho, por Zeus, dou.

(7) Ciro começou então a distribuí-las pelos criados do seu avô, acrescentando a cada um deles:

— A ti, porque prontamente me ensinas a andar a cavalo; a ti, porque me deste uma lança, a qual ainda conservo; a ti, porque serves bem o meu avô; a ti, porque respeitas a minha mãe.

Continuou a distribuição desta forma, até que deu tudo.

(8) Astíages tomou então a palavra e disse ao seu neto:

— Não dás nada ao meu mordomo Sacas, pessoa pela qual eu tenho particular estima?

Sacas era um belo homem e tinha a seu cargo conduzir ao aposento de Astíages as pessoas que precisavam de lhe falar e proibir a entrada quando não julgava oportuna a ocasião. Então Ciro, como um menino que nada temia, perguntou impetuosamente ao seu avô por que tinha Sacas em tão grande estima e Astíages respondeu, gracejando:

— Não reparas com que perfeição e airocidade ele serve o vinho nos copos?

De facto, os mordomos dos reis da Média têm uma certa elegância no exercício das suas funções: servem o vinho com asseio e oferecem o copo, segurando-o somente com três dedos, de maneira a que os que o hão de receber lhe possam pegar com facilidade.

(9) — Avô, ordenai a Sacas que me entregue o copo, para que eu, servindo o vinho com igual perfeição, possa também captar a vossa estima — disse Ciro.

Astíages consentiu. Então Ciro pegou no copo, levou-o como tinha visto fazer a Sacas e, com ar sério e elegante, ofereceu-o e entregou-o ao seu avô, tudo isto de tal forma que provocou o riso de Astíages e Mandane. Ciro ri também, corre para o avô e entre os seus abraços exclama:

— Sacas, estás perdido! Privar-te-ei das tuas dignidades. Em tudo serei melhor mordomo que tu e não beberei o vinho!

Segundo o costume, os mordomos dos reis, quando entregavam o copo, tiravam com uma colher uma pequena porção de vinho, que lançavam na mão esquerda e sorviam. Isto era uma precaução para que, no caso de terem deitado algum veneno, fossem os primeiros a ser envenenados.

(10) Astíages disse gracejando:

— Ciro, por que razão imitas Sacas em todas as coisas e só não sorveste o vinho?

— Porque temi que no copo houvesse veneno misturado — respondeu Ciro. Quando vos banqueteáveis com os vossos amigos no dia do vosso aniversário, eu notei claramente que ele tinha deitado veneno nos copos.

— E como percebeste isso? — perguntou Astíages.

— Percebi-o muito bem — respondeu ele. Todos vós aparentáveis perda de faculdades intelectuais e físicas. Praticavam acções que não consentiríeis que fossem praticadas por crianças. Todos gritavam ao mesmo tempo, não se entendendo uns aos outros. Cantavam ridiculamente. E sem ouvirem aquele que cantava, afirmavam sob juramento que era um óptimo cantor. Cada um de vós gabava a sua pujança e quando se levantavam para dançar, não só não dançavam com ritmo, como nem se podiam aguentar de pé. Todos estavam esquecidos, vós de que éreis rei e os demais de que vós éreis o seu rei. Foi então que eu aprendi, pela primeira vez, que praticavam a liberdade de expressão! Não estáveis calados um só momento.

(11) Astíages perguntou-lhe se o seu pai nunca se embriagava e, como a resposta foi negativa, tornou a perguntar-lhe como fazia.

— Satisfaz a sede e nada mais — respondeu Ciro. Não tem lá um Sacas, para lhe deitar o vinho!

Então Mandane tomou a palavra e perguntou ao seu filho por que tratava Sacas tão mal.

— Porque me aborrece — respondeu Ciro. — Muitas vezes, desejo ir ter com o meu avô e este homem mau impede-me. Avô, peço-vos que, durante três dias, me deixeis ter poder sobre Sacas!

E Astíages perguntou-lhe que uso faria desse poder, pelo que Ciro continuou:

— Ponho-me à porta, como ele, e quando Sacas quiser entrar para o almoço, dir-lhe-ei: — Ainda não se pode almoçar, porque o avô está a tratar de negócios importantes com algumas pessoas. Quando vier para o jantar, dir-lhe-ei: — O avô, neste momento está no banho. Quando vier com fome, hei-de lhe dizer: — O avô está agora com as suas mulheres. E assim o atormentarei, como ele me atormenta quando não consente que eu vá ao vosso aposento.

(12) Com tais jovialidades de Ciro passou-se o tempo do jantar. Nos dias seguintes, quando o seu avô ou o seu tio queriam alguma coisa, era difícil que alguém os servisse primeiro que ele. Ciro tinha enorme prazer em servi-los no que podia.

(13) Mandane decidiu-se a voltar para o seu marido, pelo que Astíages lhe pediu que deixasse ficar Ciro. Mandane respondeu que desejava muito agradecer ao seu pai, mas que lhe

custava imenso deixar ficar o seu filho contra a vontade dele. Então Astiages falou assim ao seu neto:

(14) — Meu filho, se ficares comigo, Sacas não há-de opor qualquer obstáculo a que venhas ao meu aposento e hás-de ter, para isso, plena liberdade. A minha alegria será proporcional às vezes que vieres visitar-me. Servir-te-ás dos meus cavalos e de tudo o que te satisfizer. Quando saíres, levarás uma comitiva à tua escolha. À mesa, beneficiarás da sobriedade que quiseres. Dou-te os animais que actualmente estão no meu parque e juntarei outros de várias espécies que tu, logo que saibas andar a cavalo, perseguirás e deitarás por terra, armando o arco e disparando a seta, tal como os homens crescidos. Dar-te-ei outros meninos para que te acompanhem nos teus divertimentos. Enfim, alcançarás de mim tudo o que me pedires.

(15) Ditas estas palavras, a mãe perguntou a Ciro se queria ficar ou voltar com ela. Ele, sem vacilar, respondeu imediatamente que queria ficar. Como lhe perguntaram porque queria ficar, respondeu:

— Lá na Pérsia, entre os meninos da minha idade, sou eu o mais perito em lidar com o arco e com as setas e todos me reconhecem como tal. Aqui, entre os mesmos, sou o mais ignorante na arte da equitação. Minha mãe, sabe que isto me causa grande mágoa. E se me deixardes aqui e eu aprender a andar a cavalo, parece-me que, quando for para a Pérsia, hei-de exceder facilmente esses mesmos que se distinguem nos exercícios pedestres. Voltando à Média, sendo eu o melhor cavaleiro entre os bons cavaleiros, procurarei acompanhar o avô na guerra.

(16) — Mas meu filho, como hás-de aprender aqui a justiça, estando lá os mestres? — tornou a mãe.

— Eu estou perfeitamente instruído nos princípios da justiça — respondeu Ciro.

— Como assim? — replicou Mandane.

— “O meu mestre julgava-me tão consciente na doutrina dessa virtude que chegou a fazer-me juiz dos meus colegas. — respondeu Ciro. Num determinado julgamento, fui espancado por não ter julgado com rectidão.

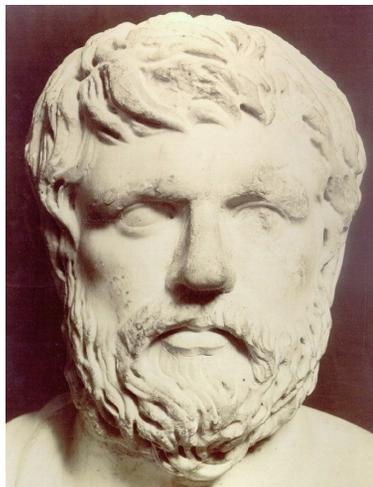
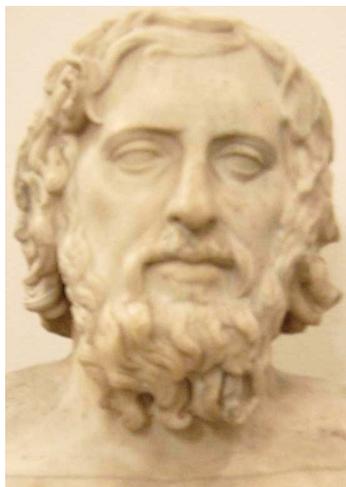
(17) “Foi este o caso: um menino crescido, que tinha uma capa muito curta, tirou a capa de outro menino mais novo,

pois esta era muito comprida. Deu-lhe a sua e vestiu a dele. Sendo eu o juiz desta questão, julguei que a ambos convinha ficar com a capa adequada à sua altura. O meu mestre castigou-me por esta sentença, dizendo que deveria deliberar assim quando eu fosse juiz de uma causa que consistisse numa analogia semelhante, mas no que dizia respeito a avaliar quem era o dono da capa, só importava ter em atenção determinar quem devia possuí-la justamente: quem a tinha tirado à força, ou quem a tinha feito ou comprado. Depois disse-me que o que estava de acordo com as leis era justo e que era violência tudo o que se opunha a elas. Ordenava, portanto, que o juiz proferisse a sentença de acordo com a lei. Assim, conheço perfeitamente os princípios da justiça e, quando tiver necessidade de algum esclarecimento, o avô está aqui para mostrar.”

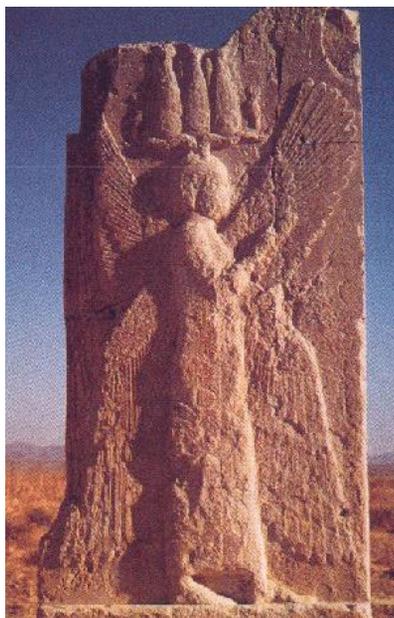
(18) — Mas olha, filho, nem todas as coisas que são justas na Média o são igualmente na Pérsia — arguiu Mandane. O teu avô fez-se senhor de toda a Média, mas na Pérsia considera-se justo terem todos igual posse de direitos. O teu pai rege a cidade segundo o estipulado nas leis e só recebe o que estas ordenam. É a lei que regula a sua governação. Não governa segundo os seus delírios e vontades. Toma cuidado, para que não sejas açoitado se regressares à Pérsia com sentenças próprias, não de verdadeiro rei, mas de tirano. Segundo as sentenças de um tirano, um só homem pode assumir todos os direitos.

— Mas, mãe — replicou Ciro — o vosso pai é capaz de me inculcar o sentimento de possuir menos que os outros. Acaso não reparais no modo como ele ensinou todos os persas a possuir menos que ele? Não será preciso que tenhais medo, pois, que eu aprenda a ser ambicioso.

Desta maneira discursava Ciro.



Acima: Duas representações de Xenofonte. À esquerda, busto no *Altes Museum, Berlim*; À direita, busto no *Museu do Prado*, em Madrid.



À esquerda: Baixo Relevo de figura coroada com quatro asas que se pensa representar *Ciro, o Grande (Pasárgada, Irão)*.

Os dois cornos da coroa, que tem elementos egípcios, são mencionados na Bíblia. As asas são símbolos persas.